

A BAHIA NOS 500 ANOS DO BRASIL ^{P39}

Josaphat Marinho

As comemorações pelo decurso de 500 anos do Descobrimento do Brasil têm, naturalmente, feição nacional. Toda a coletividade, na dimensão do país, participa do espírito de independência e desenvolvimento, que caracteriza o acontecimento. A diversidade de cultura e de situação econômica das regiões e das pessoas certamente imprimirá colorido variado aos atos demonstrativos do sentimento de nacionalidade. A formação diferenciada, no espaço e no tempo, das comunidades que se constituíram, sucessivamente, capitanias, províncias e estados-membros influirá, de modo decisivo, no teor das manifestações. Entre a tradição de grupos populacionais como os da Bahia, do Maranhão, do Rio de Janeiro e de São Paulo, e a força inovadora de segmentos estruturados muito depois, a exemplo do Paraná, a distância histórica é grande, e geradora de reflexos distintos.

A Bahia, por ter nascido com a descoberta, experimentado os efeitos iniciais da colonização e de primeira sede do Governo Geral, revelará sinais próprios da primogenitura. Se, no conjunto, a evolução lhe transmitiu os mesmos caracteres das outras unidades políticas, guarda peculiaridades de sua configuração singular. É certo que as outras entidades federadas também conservam

excepcional capacidade de unir o passado inconfundível. A Bahia, porém, tem revelado excepcional capacidade de unir o passado ao presente, de conciliar a tradição com a renovação. Preserva os valores regionais sem prejuízo de absorção do pensamento nacional e das idéias de índole universal, inclusive as de justiça social. Os hábitos moderados adquiridos, o estilo equilibrado de trabalho, o convívio na casa-grande de brancos, negros e mestiços, o influxo da cultura européia, sobretudo a de Portugal e de França, esses e outros fatores moldaram a fisionomia dos baianos, sem saliências agressivas. Se não mostram a ação febril de segmentos profissionais de outras províncias, refletem flexibilidade constante para as mudanças de idéias e de procedimentos.

Ainda no século passado, de forte liberalismo individualista, Luiz Tarquínio desenvolveu em Salvador esclarecida atividade industrial, conjugando-a ao exercício regular do amparo ao trabalhador, como função social da empresa. Anísio Teixeira, outro baiano que antecipou o futuro, qualificou "a sua obra exemplar de um capitalismo humanizado". Assinalou "que não faltava a Luiz Tarquínio a agudeza de pensamento necessária para sentir que a sociedade do lucro precisava de certas roupagens socialistas para se tornar segura".

No quadro do universo, Rui Barbosa foi extraordinariamente lúcido. Em Haia, em 1906, enfrentando as potências dominadoras, defendeu a igualdade dos povos. Em Buenos Aires, no curso da Primeira Grande Guerra, propugnou a presença militante das nações no conflito, condenando a neutralidade entre o direito e o crime. Se a mocidade fulgurante do Castro Alves brilhou na poesia lírica, imortalizaram-no os versos arreatadores em defesa da liberdade, sobretudo na repulsa à escravidão. Mas no domínio da solidariedade humana projetaram-se, também, figuras simples, com relevantes serviços à comunidade, que as relembra comovida. Cosme de Farias, o "major Cosme de Farias", sem nenhum título nem recurso senão a disponibilidade para servir, foi, ao longo da vida, o advogado gratuito dos pobres e o combatente contra o analfabetismo. No plano da assistência aos doentes, irmã Dulce, do modesto trabalho com que iniciou, peregrinando por secretarias de Estado e escritórios de empresários, desenvolveu e organizou obra notável, deixada em funcionamento regular à sociedade baiana. Tamanho foi o seu apostolado nas Obras Sociais Irmã Dulce, que a Igreja Católica e o povo a querem beatificada.

Não será manifestação regionalista ou de localismo, nem restrição aos demais estados, obser-

var que o baiano revela um peculiar espírito de cordialidade, uma expansão natural que caracteriza toda a população, acima de condição social, de cor ou de instrução. É um modo espontâneo de conviver que se reflete nas relações limitadas como no contato com as multidões, nas festas populares. Uma individualidade representativa, que bem sintetizou, juntando simplicidade e compostura, esse traço de afabilidade dos baianos, foi Otávio Mangabeira. Quando deixou o governo, um operário o saudou, com singeleza e verdade, dizendo-lhe que dirigira o estado com "muita delicadeza". Na mensagem de despedida, ele agradeceu a toda gente a "benevolência" com que foi "distinguido", "até por aqueles mesmos" que o "honraram com as suas críticas ou admoestações". E buscou a raiz dessa benevolência no fato de que não errara "de má-fé", nem praticara contra ninguém "o pecado da intolerância".

É sobretudo com esse espírito de concórdia que a Bahia, integrada na comunidade nacional, concentra as comemorações dos 500 Anos do Descobrimento, apelando por mais felicidade para todos os brasileiros, na unidade de seu destino.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia, e diretor da Faculdade de Direito da Upi